

A Banda da Polícia Militar do Rio Grande do Norte¹ no desfile de sete de setembro de 2010: discutindo música, ritual e sociedade

Eurides de Souza Santos

Universidade federal da Paraíba (UFPB)

Marcos Aragão Fontoura

Universidade federal da Paraíba (UFPB)

Abstract

This paper discusses his relationship between music, ritual and society, focusing on the presentation of the Band of the PMRN in the parade of September 7 2010, in Natal, located in northeastern Brazil. The September 7, conventionally known as the Fatherland Day, is a major Brazilian national calendar dates, in which several groups of soldiers and civilians celebrate Brazil's independence against the Portuguese colonialism. Even being an event that stops most of the routine activities, the parade brings to streets the everyday society, with its diversity, organizations, hierarchies, values and conflicts. This study consists of ethnomusicological research conducted between 2009 and 2010.

Keywords: Band of the Military Police of Rio Grande do Norte; ritual; Day of the Fatherland.

A cidade do Natal é a capital do Rio Grande do Norte e está situada no litoral do nordeste brasileiro. Possui uma população de 803. 811 mil habitantes, sendo a maior cidade do estado e uma das mais desenvolvidas da região, em termos econômicos.

Entre as bandas de música que o Rio Grande do Norte possui, figura a Banda da PMRN, criada em 1886, como órgão da Secretaria de Segurança Pública e

¹ Chamarei de Banda da PMRN

Defesa Social do estado. A Polícia Militar integra o Sistema de Segurança Pública e Defesa Social do Brasil.

A Banda da PMRN possui 95 membros em 2010 e é formada por policiais militares com diferentes graduações assim distribuídas: um oficial maestro que é o responsável pela Banda e os demais músicos classificados como instrumentistas. Desta forma, o corpo de músicos é distribuído por níveis hierárquicos compreendendo a seguinte divisão: um primeiro tenente (mestre); subtenentes (contramestres); primeiros sargentos; segundos sargentos; terceiros sargentos; cabos e soldados. Todos são funcionários públicos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte.

Este trabalho trata da apresentação da Banda da PMRN, no desfile de sete de setembro de 2010 e objetiva discutir as relações entre música, ritual e sociedade.

O desfile de sete de setembro constitui um dos principais eventos do calendário nacional e é tradicionalmente coordenado pelas Forças Armadas Brasileiras, com a participação das autoridades civis, as escolas e a sociedade como todo. Mesmo sendo um evento que para grande parte das atividades rotineiras, o desfile traz para as ruas a sociedade do cotidiano, com sua diversidade, organização, hierarquias, valores e conflitos. No entanto, a participação dos policiais músicos, com suas marchas animadas, possibilita uma experiência diferenciada entre sociedade civil e corporações militares.

Música, ritual e sociedade

A relação entre música e ritual constitui tema crucial para os estudos etnomusicológicos e aponta para situações de interação entre som e contexto, que vão desde as atividades mais rotineiras do cotidiano a eventos pontuais, preparados e realizados coletivamente, em ocasiões específicas. Importantes trabalhos como os de Herndon (1971), Blacking (1976) e Behágue (1984), apenas para citar alguns nomes, buscaram aprofundar o conhecimento dessa relação, que parece existir entre grupos humanos desde as eras mais remotas. Os rituais são “memórias codificadas em ações” (Schechner 2006: 52) e implicam na manutenção e reforço de valores sociais, vivenciados no presente, ou seja, no momento ritual, mas vinculados a um passado desconhecido ou, a

episódio histórico conhecido, com data registrada não só na memória, mas em documentos e monumentos. Assim é o sete de setembro, um ritual onde se celebra um episódio histórico, cuja data constitui parte de um conjunto de valores celebrados em desfile público, tais como os símbolos nacionais e o sentimento de pertencimento à nação.

O dia da Pátria é um ritual diurno, claro, em que espaços são bem marcados. Tendo como centro uma parada militar, uma avenida é preparada e nela se destacam locais onde devem passar os participantes do ritual [...], onde deve ficar o povo e o local destinado às autoridades (Damatta 1997:55).

O desfile do dia da Pátria é um ritual que modifica a paisagem da cidade. Quebra-se a rotina de pessoas que vão ao comércio, às escolas, ao trabalho, ao templo, à repartição pública, para se ver nas ruas o movimento de grupos que convergem para uma mesma atividade: encenar a vida social, sua história e seus valores. O motivo unificador é a comemoração da “independência política” do Brasil em relação ao colonialismo português. Este evento vai trazer para a cena das ruas os aspectos cruciais de uma sociedade ampla, complexa e total, que reúne parte de seus membros, em um evento com data fixa, começo e fim, e com local predeterminado.

Nas páginas dos jornais da cidade se destacam a história da independência, as informações sobre as estratégias de organização das ruas, as mudanças nos roteiros dos transportes públicos, entre outras informações relativas ao desfile, que se justapõem às notícias sobre a violência urbana, corrupção, insegurança, acidentes de trânsito, além das novidades que estarão nos cinemas, teatros e shoppings. Muitos estarão preocupados com a indicação das praias adequadas para o banho de mar.

A celebração do dia da Pátria ocupa lugar prioritário na agenda de comemorações das forças armadas brasileiras. Para a polícia militar, corporação que no dia-a-dia desenvolve um trabalho de segurança pública ostensiva, a participação no desfile através da Banda, o evento representa um momento singular, quando se faz possível estar junto à sociedade, sob um perfil diferenciado, trazendo músicas que são apreciadas pela platéia formada por pessoas que se unem ao cortejo.

Enquanto as apresentações sistemáticas da agenda mensal da Banda da PMRN proporcionam um encontro parcial entre policiais militares e grupos específicos da sociedade - estudantes, religiosos, membros do poder público, entre outros grupos, o ritual do sete de setembro abre a possibilidade de um encontro mais amplo, onde a maior parte do efetivo militar, não só de policiais músicos, mas de todos os membros das forças armadas brasileiras, se coloca em contato com a sociedade civil.

Para o policial músico, as apresentações ordinárias da Banda da PMRN refletem uma rotina de ensaios diários, caracterizados pelo sistema hierárquico que classifica e organiza o *status* dos instrumentistas. No entanto, para o dia da Pátria os ensaios são intensificados, reforçados e planejados com a participação dos diversos setores da corporação.

Neste sentido, o desfile se apresenta como um reforço à ordem estabelecida e como uma mostra da organização que rege as corporações presentes. Para Reily,

Um dos contextos principais para as performances de bandas militares são as paradas militares, eventos em que o estado demonstra o seu poder, saindo às ruas numa exibição de sua força bélica. Geralmente, as paradas militares são marcadas por grandes números de homens uniformizados e armados, marchando com passos perfeitamente sincronizados; pode haver também tanques, caminhões e jeeps alinhados com exatidão, além de exibições de aviões em formações geométricas. Dificilmente não nos sentimos pelo menos um pouco intimidados com tal demonstração de força, tanto numérica quanto bélica, mas também a ordem, a rigidez e o profissionalismo que nos é apresentada nestas exibições nos assustam pelo seu caráter quase desumano (2009:26).

No conjunto, as hierarquias que caracterizam a vida militar podem ser observadas pelo público presente no desfile. Além disso, o cortejo envolve a participação das diversas autoridades, que no dia-a-dia regem e decidem sobre a vida dos cidadãos, através dos setores ali representados. De acordo com Leirner, “no âmbito da vida militar, os rituais abertos ao público, muito além de apenas modificarem a rotina do quartel, são espetáculos que alimentam e colaboram para a eficácia da rotina interna ritualizada” (2009 *apud* Albertini, 2009:142). O conjunto musical formado pelos instrumentos, na sua maioria metais, o efeito e regularidade do som da percussão, que se junta ao passo dos participantes, e o repertório de marchas imponentes são fatores que

contribuem para a construção e realização desta visão do universo militar. Na visão de Reily, “A música, nestas ocasiões, é geralmente uma marcha grandiosa, que contribui para nossa sensação de que nada seria capaz de alterar a trajetória desta máquina poderosa” (2009:27).

Do seu lado, a platéia não é de todo estranha. Ela é formada por familiares dos desfilantes, apreciadores de desfiles, moradores de rua e curiosos. Eles são responsáveis pelo cortejo que acompanha o desfile. São pessoas que esperam a cada ano vivenciar a grandiosidade e poder daquele espetáculo.

Sendo um retrato do cotidiano, o mesmo desfile que une cidadãos e apresenta a ordem e harmonia através da sua organização e das músicas, por outro lado, reforça o cuidado com a segurança daqueles que participam, em especial das autoridades presentes, dispondo de pessoas prontas para reprimir as ameaças e os atos de violência que possam vir da realidade social circundante. Para que o desfile se desenvolva sem atropelos e para que haja passagem livre para o cortejo, alguns militares são colocados em posições estratégicas ao longo do percurso, garantindo o isolamento do local por onde passa o desfile. Mais uma vez, a valorização e manutenção das categorias sociais observadas no dia-a-dia se apresentam neste evento como reforço aos padrões hierárquicos da sociedade:

A cerimônia segue, pois, atualizando em todos os seus níveis as distinções hierárquicas, estando organizada numa cadeia de comandos que vai das autoridades civis e militares, isoladas num palanque (as autoridades que recebem, com a bandeira, as saudações ou continências), para as tropas que desfilam (ordenadas segundo sua hierarquia interna) até o povo que participa da solenidade como assistente (Damatta 1997:57).

Se para as diferentes corporações das forças armadas, o desfile do sete de setembro apresenta para a sociedade sua organização interna, suas tradições e trabalho desenvolvido no dia-a-dia em função da defesa do cidadão e do país, para o policial músico, esse evento vai revelar o caráter ideal do seu papel social, propiciando uma aparição positiva e desejada pela sociedade civil. Desta vez, não mais o som ameaçador das sirenes que indicam o perigo e a punição, não mais as armas que ferem e matam, não mais a voz de prisão, não mais as algemas. Nas mãos dos policiais da Banda estão instrumentos que tocam música, cujo som anuncia alegria e celebração.

Da mesma forma, o desfile do Dia da Pátria apresenta símbolos que apontam para a possibilidade de seus participantes experimentarem, por um momento, o sentimento de pertencimento a uma nação que se une através de elementos comuns.

É um momento totalmente orientado para dentro da sociedade brasileira, quando se destaca aquilo que é especificamente brasileiro: a bandeira nacional, as cores nacionais, o hino nacional, as autoridades máximas do país, a língua nacional e o poder nacional. Isso, porém, não significa que nesse tipo de discurso ou perspectiva não se esteja criando um momento liminar e/ou sentimentos de forte solidariedade e fraternidade entre os participantes do rito (Damatta 1997:67).

Portanto, o desfile do sete de setembro se constitui da rememoração da história da independência da Pátria, da reverência aos símbolos nacionais, das músicas tocadas pela Banda, da organização entre as corporações, da encenação da vida cotidiana e da crença pelos participantes naquilo que nele é encenado. São fatores que reunidos no ritual podem propiciar ao cidadão que assiste a experiência de viver o sentimento de pertencer à nação brasileira. A Banda de música, neste conjunto, contribui de forma crucial para a concretização desta experiência. Para a Banda da polícia militar do Rio Grande Norte, além de mostrar ordem, este é o momento de estar em harmonia com a sociedade.

Ao fim, “o Dia da Pátria tem seu ponto terminal na dispersão informal, onde soldados, oficiais, povo e autoridades retomam seus lugares no universo do mundo diário” (Damatta 1997:64). Portanto, o ritual constitui uma tentativa de restabelecer o diálogo entre autoridades e sociedade. Isso se dá através da ação conjunta e participativa efetiva na encenação dos valores sociais e individuais, através do cortejo que acontece anualmente e renova seus propósitos a cada novo evento.

Referências bibliográficas

Albertini, Lauriani Porto (2009) “O Exército e os outros” *in* Castro, Celso; Leirner, Piero (orgs) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. FGV: Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. (75-90)

Béhague, Gerard (1984) (ed.) *Performance practice: ethnomusicological perspectives*. London: Greenwood Press.

Castro, Celso and Leirner, Piero (orgs) (2009) *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*. FGV: Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.

Damatta, Roberto (1997) *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Herndon, Marcia. 1971 The Cherokee ballgame cycle: an ethnomusicologist's view. *Ethnomusicology* 15: 339-352.

Reily, Suzel Ana (2009) *Bandas de sopro: um diálogo transcultural*. Seminário de Música do Museu da Inconfidência: *Bandas de música no Brasil*. I. 2008. *Anais ...* Ouro Preto: Museu da Inconfidência.

Schechner, Richard (2006) *Performance studies: an introduction*. 2. ed. London: Routledge.

Notas biográficas

Eurides de Souza Santos é doutora em música pela Universidade Federal da Bahia e professora do Mestrado de Etnomusicologia da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Marcos Aragão Fontoura é mestrando em música (etnomusicologia) pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é sargento músico da Banda da Polícia Militar do Estado do Rio Grande do Norte.